

Diversão & Arte

o CONFORTO DAS

Banda
Nickelback:
sem preocupação
com rótulos ou
com modas

BOAS

MEMÓRIAS

» PEDRO IBARRA

Os falantes de língua inglesa possuem um termo muito popular: guilty pleasure. A expressão pode ser traduzida para o português como prazer culpado, ou prazer envergonhado e faz referência a gostos que uma pessoa tem mas esconde. Pode ser um prato, um filme, um artista ou uma banda, etc. Entre os maiores guilty pleasures recentes na música, um grupo se destaca. Nickelback, uma banda de muito sucesso na virada dos anos 2000 para 2010, que até hoje tem fãs que preferem não falar que são fãs.

O conjunto é formado por Chad Kroeger, Ryan Peake, Mike Kroeger e Daniel Adair e se destacou no final da era dos videoclipes, quando os canais MTV e VH1 chegaram ao ápice e o rock ainda estava no topo das paradas. Nickelback emplacou sucessos como *Photograph*, *How you remind me*, *Rockstar* e *Hero*, essa última parte da trilha sonora do primeiro filme do Homem-Aranha de 2002. Já tocaram nos principais palcos do mundo. Inclusive no Brasil, nas edições de 2013 e 2019 do Rock in Rio.

A carreira da banda seria impecável, mas, em um ponto do caminho, ganhou a alcunha de cafona por fazer um rock que ficou datado muito rápido. O rótulo não fez o público se afastar, mas, sim, criticá-los, enquanto os ouviam no sigilo. A banda sabe disso, mas não se importa. "Amamos nossos maravilhosos fãs que estão conosco desde o início por dois motivos: o primeiro é que não é fácil gostar de Nickelback, vamos ser sinceros. O segundo é que não é fácil gostar de Nickelback e contar para as pessoas que você gosta de Nickelback, estamos bem cientes disso. Então, obrigado a todos que permaneceram conosco", brinca Ryan Peake, guitarrista e compositor.

Os rockeiros canadenses conquistaram o mundo, sabem que têm fãs, então não se importam em estar no papel de guilty pleasure do público. "Se continuarmos tocando e lotando os shows é porque alguma coisa a gente fez certo", avalia o músico que entende o trabalho sem a mínima pretensão. "Nós somos uma banda de rock, nós não estamos aqui para livrar o mundo do câncer. Queremos cantar nossas músicas e que nossos fãs cantem com a gente, estamos aqui para isso", afirma e ainda convida: "Nossos fãs sempre estiveram lá e isso é fantástico, mas tem sempre espaço para qualquer pessoa. Novos fãs, fãs que sempre estiveram lá, mas não contaram para ninguém, não há julgamento todos são bem-vindos".

Novo capítulo

Sendo considerados cafonas ou não, os integrantes do Nickelback continuam

Banda amada por muitos no sigilo e muito influente no início dos anos 2010, Nickelback fala ao Correio sobre a nova fase da carreira

a todo vapor e após cinco anos sem lançamentos, apresentaram ao mundo o álbum *Get rollin*. De acordo com a própria banda, o disco é como um passeio por toda a carreira que construíram do Nickelback amado ao desconhecido. "A forma como nós escolhemos as músicas para esse álbum indica mais o que nós queremos ser como banda, o último álbum foi mais rock e nesse nós mesclamos o gênero com canções mais melódicas e até músicas que nem parecem Nickelback", explica Peake.

Eles sabem que estão em uma posição privilegiada, afinal são artistas muito consolidados no mercado e podem trabalhar com a calma de quem têm um público para escutá-los. "Eu quero acreditar que Nickelback pode fazer de tudo. Alguns fãs vão gostar e outros não, mas o papel do artista é tocar o que gosta e também desafiar o público a gostar de outros sons", reflete o instrumentista. "Nós estamos felizes e confiantes da fase que estamos vivendo, tudo que estamos fazendo e gostando muito da nossa relação com os fãs", complementa.

No entanto, essa confiança não significa que estão estagnados ou parados nos tempos. O tempo do rock na televisão já passou, eles precisam se adaptar ao streaming e às novas formas de se consumir música. "Nós não queremos necessariamente acompanhar uma tendência, eu quero ser honesto com o que estamos fazendo, não mudaremos para agradar as pessoas. Contudo, sempre ouvindo as novas gerações", pontua Ryan, que lembra inclusive de um fato recente que exemplifica os novos tempos. "Minha filha me avisou que uma música nossa de 7 anos atrás está viral no TikTok. O nome da música é *She keeps me up* e ela está batendo quase todas as nossas músicas novas em downloads", conta.

A forma que a banda encontrou de fazer música é a de ser feliz. "É assim que a gente consegue tornar uma banda atemporal, com músicas eternas. Tomara que daqui há alguns anos ainda tenha muita gente querendo ouvir *Photograph* várias vezes", comenta. "A gente não precisa levar tão a sério, queremos músicas que nos façam nos sentir bem", acrescenta. "A forma como você quiser consumir nossa música eu estarei feliz", completa.

Se há felicidade, o Brasil torna-se assunto. A banda afirma que as apresentações do Rock in Rio foram algumas das melhores da carreira. "Um dos nossos maiores arrependimentos foi não ter ido ao Brasil mais cedo. Ver que nós temos uma base de fãs grande lá, fez com que abríssimos os olhos", declara Ryan Peake, que classifica o engajamento do público brasileiro como "impressionante tanto presencialmente quanto virtualmente". "Nós ainda não temos nada a anunciar, mas com certeza o plano é tocar no Brasil em breve. Por enquanto, tudo que podemos falar é obrigado, para todos os nossos fãs do Brasil. Não perderemos a oportunidade de encerrar o país em uma turnê mundial", adianta.



Nós somos uma banda de rock, nós não estamos aqui para livrar o mundo do câncer. Queremos cantar nossas músicas e que nossos fãs cantem com a gente, estamos aqui para isso"

Ryan Peake, guitarrista da banda Nickelback



Amamos nossos maravilhosos fãs, que estão conosco desde o início, por dois motivos: o primeiro é que não é fácil gostar de Nickelback, vamos ser sinceros. O segundo é que não é fácil gostar de Nickelback e contar para as pessoas que você gosta de Nickelback"

Ryan Peake, guitarrista da banda Nickelback